

O galpão dos enfermos esquecidos

Por Magda Lima

PARTE 1

Era uma manhã de setembro quente e úmida em Fortaleza, um dia infeliz para quem buscava ajuda médica pelos hospitais públicos da cidade. O corpo pedia clemência, a fratura do tornozelo solavancava o pé de um lado pro outro, já não havia resistência que sustentasse a peregrinação pelo SUS, apenas o desejo desesperado de recostar o corpo em alguma cadeira encardida e gasta de sofrimento alheio.

O relógio do celular marcava 9h40 quando peguei a ficha para passar pela triagem do famoso e popular Frotinha da Parangaba. Por um instante, esqueci a minha dor para me assombrar com a dor dos outros; nem nos meus delírios mais macabros tinha testemunhado tantos relatos de agonia. Na fila, de pé, eu observava atentamente aquelas almas moribundas, esperando a vez para pegar a outra fila. Era menino, mulher de todo tipo e idade, operários vitimados por acidente de trabalho, velho de “dar na canela”, doido, gente de sexo indefinido (por mim), um bocado descalço, outros com roupa de dormir ou quase sem roupa.

Nessa seara de gente, um odor fétido dominava todo o ambiente de “acolhimento” do hospital. Muitos enfermos estavam em pé ou deitados no chão; não havia cadeiras nem água para matar a sede naquele mormaço de sofrimento. Um rapaz, de uns vinte e poucos anos, entrou gritando e pedindo ajuda. Caiu no chão, se contorceu, implorou que alguém fizesse qualquer coisa, aos berros, dizendo que iria morrer. Nesse momento, eu me dei conta da miséria humana que tomou conta dos corações: nenhum funcionário se prestou a acudir o rapaz; olhavam de longe, indiferentes, na esperança de que a dor se esvaísse sozinha. Uma cachoeira de vômito jorrava da boca do infeliz. Nessa hora, as pessoas se movimentaram, mas apenas para se esquivar dos respingos daquele líquido esbranquiçado. Então, alguém lá de dentro gritou: “Traz um balde d’água!”

Nesse intervalo de distração o relógio bateu 12h, a catanga que exalava do lugar era nauseante e eu já nem sabia mais o que era pior: respirar ou a dor da fratura. Gritaram meu nome, eu dei glória a Deus! Me mandaram entrar e aguardar em outra fila que finalmente levaria até o médico plantonista. Tomei um susto com o tamanho da fila e indaguei pelas cadeiras, afinal, todos estavam ali com algum osso fraturado. Me disseram que era em pé mesmo pois não havia espaço para cadeiras. Emudeci com o desatino. No meu cangote havia um caolho que cuspiu toda vez que falava, nessa hora começou foi a gritar revoltado com o escarnio, afinal, já estávamos há quase 3h esperando lá fora e o homem questionou sabiamente: “a como é que eu vou ficar de pé esperando com uma perna só”? Sim, pois a outra estava com o osso escanchelado. Na hora pensei a mesma coisa em meu favor e reforcei a cobrança, contudo, não teve jeito, os mazelados tiveram que esperar de pé por mais 1:30h pelo menos.

Toda sorte de lamento eu ouvi a partir dali. Cada história mais sofrida que a outra, uma moça começou a golpear do meu lado, acho que era a bília porque a coitada não comia há 24h. A essa altura eu já não estava sentindo mais o pé, queria me escorar, mas não tinha em que, pensei em usar minhas técnicas de respiração, contudo, não conseguia inspirar profundamente aquele ar pesado de carne dormida fora da geladeira por 3 dias. Foi neste primeiro momento em que entreguei tudo a Deus, as 15h eu já não estava raciocinando como de costume, a garganta seca como se tivesse comido poeira, nem saliva produzia mais. A fila andou mais rápido e só restavam 6 na minha frente, alguém da limpeza soltou uma cadeira que carregava bem ao meu lado para socorrer uma senhora que desfaleceu, sentei imediatamente e todos me olharam como se estivesse cometendo um desacato. Meu descanso durou pouco, a porta abriu-se e entraram dois policiais arrastando um homem algemado e inconsciente, o policial me pediu pra ceder a cadeira e levantei às pressas em tempo de lascar o outro pé. O pessoal me olhou com um ar de satisfação, tenho certeza que foi praga.

Chegou a minha vez de entrar para consulta, apenhei o raio x da bolsa e coloquei em baixo do braço pra mostrar ao médico.

_Boa tarde, dr.

– O que foi?

_Fraturei o tornozelo numa queda há alguns dias...

_Vá bater um raio X

_Doutor, eu já trouxe o raio x que bati ontem pro senhor olhar

_Próximo!

A consulta durou menos de 10 segundos — uma espera de 5h30 para o fidumaégua nem olhar na minha cara! Peguei a fila do raio X. Era só a introdução de uma saga, e eu nem sabia. Após mais uma hora de espera, finalmente entrei na sala de imagem para confirmar o que a outra imagem já dizia: fratura do maléolo fibular. Retorno à sala do excomungado do médico, mas, é claro, não sem antes entrar em mais uma boa fila. Outro médico assumiu o plantão, certamente proveniente da mesma escola que o anterior.

_Boa tarde, dr.

_Cadê o raio x?

_Tome

_Vai operar.

_Mas doutor, há outras possibilidades? Qual procedimento agora? Posso voltar amanhã?

_Me acompanhe

Sem pestanejar acompanhei o homem avexado cujo olhar focava o chão e as paredes, jamais meus olhos. Sabe aquela sensação de quando a gente tem certeza que vai se lascar, mas não consegue voltar atrás? Pois é.

Peguei a penúltima fila do dia, da sala de internação. Apenas com a roupa do corpo, uma bolsa contendo uma carteira com cinco reais, habilitação e um cartão de crédito bloqueado, um álcool gel e uma caixa de mentos, decidiram que eu seria internada naquela tarde mesmo. Na sala estavam 4 estagiárias, uma técnica de enfermagem e duas moças avulsas. Alguém deu a ordem para colocarem o acesso da medicação em mim, eu já não me importava com mais nada, entreguei o braço resiliente. Havia um rapaz sentando a minha frente já com o acesso inserido, ele tinha um sorriso sádico nos lábios olhando para mim, eu franzi a testa incomodada com aquilo, não entendi a ironia. A primeira introdução da agulha não pegou a veia, foi uma dor descomunal, uma espécie de batismo que só ia confirmando o mau presságio. Outra estagiária foi tentar o acesso, dessa vez com o auxílio da técnica e, seguindo os passos da sua antecessora, não encontrou a veia, mas quase me faz desmaiar de tanta dor. A técnica então pegou a agulha e disse: deixa comigo, as veias da bichinha são bem fraquinhas, vou pegar no antebraço externo. Fechei os olhos e compreendi a cara do debochado. Após secar disfarçadamente as lágrimas com a manga suja da blusa, me mandaram pra última fila lá no final do corredor, era a internação.

PARTE 2

Fui convidada a sentar-me em um corredor que dava acesso ao local da internação, além de mim, duas pessoas também aguardavam leito, uma delas, uma senhora de uns 65 anos, entoou uma ladainha relatando o desamor dos filhos que não estavam ali com ela. A outra, uma jovem senhora de uns 43 anos, convalescendo de uma fratura no cotovelo, reclamava da roncadeira no estômago de tanta fome.

A essa altura eu tentava entender onde seríamos alojadas, no corredor haviam muitas macas com pessoas resignadas conversando ou bolindo no celular, pra lá de 10 macas eu contei. A novena de lamentos continuava ao meu lado e eu só balançava a cabeça concordando com tudo. Havia uma porta de trinco rolete mais à esquerda, pessoas entravam e saíam a todo instante, num dado momento consegui ver muitas camas dispostas em fileira lá dentro, parecia cenário de guerra. Quando as horas se achegavam as 18h, uma das técnicas que me atendeu passou por mim e se espantou: você ainda está aqui? Eu já não respondia aos comandos, como se estivesse dopada numa dimensão paralela. Atravessamos a porta de trinco rolete, naquele momento a adrenalina me fez acordar e me pôs em estado máximo de alerta. Eles chamavam de unidade de espera, contudo, era mais um galpão com muitas camas dispostas uma ao lado da outra em duas filas paralelas, uma espécie de enfermaria de guerra, sem nenhuma privacidade e pessoas dos dois gêneros todas juntas. Havia mais homens que mulheres, a maioria de adultos e velhos, todos aguardando cirurgia ou transferência para outro departamento. A primeira lição que aprendi empiricamente naquele lugar foi que ao atravessar aquela porta nossa dignidade ficava esperando do lado de fora, ali não havia pudores, resguardo, individualidade ou respeito. Virávamos

seres eunucos e assexuais, tudo aquilo que aprendemos sobre não exposição dos corpos femininos, guardar-se para o esposo como único expectador, tudo virou conversa fiada ali dentro. O Frotinha da Parangaba está na vanguarda cultura woke.

Após as frações de segundo em choque, quando minha alma voltou, me levaram até uma cama posicionada à direita do galpão e bem ao centro. À minha frente, havia dois homens: um de uns 35 anos, acidentado; outro, na casa dos 20, com aparelhos no pé. À minha esquerda, outro homem, uns 40 anos, com ferros na canela; à direita, um homem de uns 75 anos, aparentemente sem nenhuma fratura pelo corpo, mas com um aspecto sinistro, como se estivesse em transe. Por vezes, eu o ouvia chamar um nome de mulher.

Sentei-me na beirada da cama e avaliei cada detalhe do lugar, a fim de entender que diabos era aquilo. Ao fundo do galpão, havia uma bancada que separava os espaços, formando uma sala de despacho das enfermeiras e técnicas. Ao lado, estavam dois banheiros. Embora houvesse placas indicando “feminino” e “masculino”, eram de uso comum.

Havia um ferrolho velho que fechava a porta, uma pia encardida, um chuveiro e um vaso sanitário com manchas e crostas que lembravam tatuagem. Era um espaço único: ao tomar banho, molhava-se todo o vão. Não havia sabonete ou qualquer outro produto de higiene, nem sequer papel toalha, apenas um papel higiênico de péssima qualidade e com aspecto de velho. Se, até aquele momento, eu tinha dúvidas sobre o quão insalubre era o ambiente, ali todas elas se dissiparam, e tive certezas, sobretudo com o passeio de uma barata sobre minha cama na calada da madrugada.

A noite minha filha chegou em meu socorro levando alguns produtos de higiene e roupas, ao deparar-se com aquele lugar burlesco teve uma crise de riso que disfarçava o desespero, ficamos conversando sobre como iria sobreviver ali e quanto tempo ficaria. Misteriosamente, nenhum funcionário sabia de nada, nenhuma informação batia, cada um respondia coisas distintas e outros simplesmente diziam não saber, era pior que o big brother, pois no jogo pelo menos as regras são claras. As horas se passaram e eu continuava sem saber de nada, após a saída de minha filha me pus a observar cada detalhe, cada movimento. Um homem na minha frente gritou pela enfermeira, havia feito suas necessidades na cama mesmo. A higiene aconteceu ali, a olho nu! Ver aquele homem obeso, desnudo com seu minúsculo órgão humilhado e exposto foi demasiado.

Queria fazer xixi, mas a falta de coragem de usar o banheiro me mantinha presa à cama; a bexiga comprimida doía. Estrategicamente, resolvi ir depois das 23h, assim todos já estariam dormindo e eu teria alguma privacidade. Sim, havia brechas na porta, pelas quais era possível ver o movimento dentro do banheiro.

Ao voltar para a cama, decidi tentar dormir. Observei que os homens ao meu lado apenas se cobriam com o lençol, mas seus olhos estavam arregalados, acompanhando cada passo meu. Deitei-me feito um cadáver, duro na cama; até o chinelo esqueci de

tirar. Cobri o rosto com um pano e comecei a pensar em estratégias de autopreservação naquele manicômio.

Por volta da meia-noite, eu finalmente estava prestes a dormir; o corpo estava definhando, sem forças. Contudo, naquele momento, um grupo de funcionários começou uma festa particular no espaço interno da bancada. Eram mulheres e homens que falavam alto, gargalhavam das piadas que alguém contava, discutiam entre si, derrubavam objetos barulhentos e até cantavam.

Eu não acreditei naquilo. Foi a demonstração máxima de que todos nós ali, pacientes, não passávamos de pobres desgraçados, sem nenhuma dignidade que merecesse o mínimo de respeito. Todos vulneráveis e frágeis — emocionalmente e fisicamente — nenhum de nós tinha forças para se insurgir contra aquela festa bizarra.

Virei-me para a esquerda, e meu vizinho murmurava palavras de ofensa. Puxei assunto, e assim seguimos até o raiar do dia, apoiando nossas dores e indignação em desabafos mútuos.

Amanheceu e a saga das filas reiniciou, a do banheiro. contei 24 pacientes no galpão, sendo mais 15 acompanhantes, um total de 39 moribundos para aliviar as necessidades nas duas casas de banho de fundo de churrascaria de BR, o odor se alastrava pelo ambiente, em meio a isso o café foi servido. Bebi o líquido apavorada com a possibilidade de voltar ao banheiro, isso não!

Decidi exigir explicações sobre minha situação, meu vizinho estava há 15 dias naquele lugar esperando uma posição sobre os ferros em sua perna, ele já estava desistindo de tudo, só orava. Fui até a bancada, falei com várias pessoas, inclusive uma médica que apareceu por lá, ninguém dizia coisa com coisa, parecia dia de feira livre no Ceasa, senti uma vergonha quase solidária por elas, mas passou rápido. Subi o tom, uma delas num acesso de sinceridade, revelou que ali era quase loteria, que havia um mapa em que pessoas eram colocadas por dia, as escolhidas eram levadas a enfermaria, onde lá se esperava por mais tempo indefinido até o grande dia da sua gloriosa cirurgia.

Sem esperança alguma, sem vislumbre de um desfecho razoável e apavorada com o agravamento da minha fratura, além de totalmente desacreditada no ser humano, voltei a minha cama e decidi me dar alta daquele inferno. A incerteza do futuro era melhor que o massacre de honras daquele lugar. Chamei a enfermeira, pedi para assinar minha alta, juntei meus panos numa sacola de plástico e me senti igual a presidiário em dia de liberdade. Meu vizinho me olhou com os olhos mais tristes e desamparados que já vi, disse que queria muito ir comigo, quase me pediu para ficar. Deu-me um livro de presente, disse que jamais esqueceria da minha coragem, retruquei, expliquei que não era coragem, era desespero.

Entrei com um tornozelo quebrado e saí com ele do mesmo jeito, mas algo em mim não voltou igual. O corpo carregava a mesma dor física, mas a alma já não era a mesma: dilacerada, rasgada pela experiência de atravessar as engrenagens de um sistema que não cura, apenas moe. Descobri, nesse caminho, que o verdadeiro inferno não está nas

profundezas míticas que os livros prometem, mas sim aqui, no chão duro em que caminhamos, no descaso que transforma pessoas em números, na frieza que trata vidas como descartáveis.

O inferno é este lugar onde a esperança é esmagada pela indiferença, onde o sofrimento vira rotina e o humano se perde em meio à máquina perversa que gira sem compaixão. É um território em que a dor não é exceção, mas regra; onde cada fila, cada espera, cada olhar vazio é uma chama que consome silenciosamente. E assim compreendi que a ferida maior não estava no osso partido, mas na certeza de que caminhamos todos por este inferno de carne e concreto, sem direito a fuga, apenas tentando não nos perder totalmente em suas labaredas invisíveis.

Por onde eu saio, moço? E vão se lascar. Obrigada.

Fortaleza, 23 de setembro de 2025